

## COMUNIDADES PESQUEIRAS E ARTESANATO:REFLEXÕES EM TORNO DA RECICLAGEM DA REDE DE PESCAR PELO GRUPO DE ARTESÃS DA COLÔNIA DE PESCADORES Z3

Vitória de Lima Cardoso<sup>1</sup>; Flávia Rieth<sup>3</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas– vitorialimacardoso2604@gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – riethuf@uol.com.br*

### 1. INTRODUÇÃO

O presente estudo é resultado parcial de uma pesquisa que vem sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, em nível de mestrado, da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). O trabalho tem como tema o artesanato confeccionado a partir do descarte da rede de pescar na comunidade pesqueira da Costa Doce.

O universo de pesquisa compreende o grupo de artesãs denominado “redeiras”, composto em sua totalidade por mulheres moradoras da *comunidade de pescadores* profissionais artesanais da Colônia Z3. Algumas delas são ou foram pescadoras profissionais artesanais na Colônia, e nos dias atuais, tem a carteira de artesã.

O grupo de artesanato se formou principalmente a partir da necessidade de complementar a renda familiar, para além da pesca, pois nas circunstâncias atuais, a Colônia Z3, assim como o sistema pesqueiro artesanal de modo geral, vem sofrendo crescentes dificuldades decorrentes da diminuição no volume do pescado. (OLIVEIRA;ANJOS;CALDAS;SILVA,2019).

Segundo as artesãs, o artesanato é derivado da pesca, em especial da rede descartada da pesca do camarão-rosa, arrecadadas ou compradas da comunidade pesqueira ao redor. Depois de reciclada, torna-se matéria-prima para a confecção de acessórios femininos. A confecção das peças se dá em vários processos, que são feitos coletivamente, tais como: lavar a rede, cortar e tingir e depois trabalhar os fios das redes na técnica do crochê e de tecelagem no tear.

A comunidade, no qual se inserem as artesãs, faz parte do segundo distrito de Pelotas, no Rio Grande do Sul, às margens do estuário da Lagoa dos Patos. Distrito rural da cidade, onde se encontra a maior laguna da América Latina, com extensão aproximada de 110.00km<sup>2</sup>, que integra a região da Costa Doce. A comunidade faz parte das quatro comunidades pesqueiras localizadas no estuário da Lagoa dos Patos, dentre estas estão: Rio Grande-Colônia Z1; São José do Norte- Colônia Z2; Pelotas-Colônia Z3; São Lourenço do Sul-Colônia Z8.

Esta pesquisa tem como objetivo geral investigar como a confecção do artesanato, se insere na comunidade pesqueira, em específico na cadeia produtiva familiar da pesca artesanal. Tendo como objetivos específicos, visa não só compreender de que forma a interação com o material pode constituir esse grupo de artesãs, como também, abordar a questão de como se dá o processo de coleta da matéria-prima e consequentemente a reciclagem, elucidando, a partir daí, o modo como esse saber/fazer vem se inserindo na comunidade pesqueira Z3.

### 2. METODOLOGIA

Em decorrência deste questionar-se, a observação participante nos convida a compreendê-la também como um modo de aprender (INGOLD,1991) sobre e com as interlocutoras.E nesse sentido, minha experiência enquanto artesã a partir de 2015, será redescoberta através do processo reflexivo que o trabalho de campo suscita, contribuindo também para auxiliar a entrada em campo, e a aproximação com o grupo de artesãs. É neste encontro entre dois mundos, os da pesquisadora, e o das artesãs, que constitui o contexto no qual ocorre a pesquisa etnográfica.

Esta abordagem qualitativa permite uma aproximação do cotidiano e suas práticas, a fim de compreender a teia de significados, suas formas de viver o mundo(INGOLD;ALMEIDA,2017).Neste encontro etnográfico, a pesquisadora realiza o exercício do “estranhamento” da própria cultura a fim de se familiarizar com a cultura do outro de modo a conhecê-la. A etnografia se deu a partir de visitas ao mercado público de Pelotas, local em que as redeiras vendem os artesanatos e, ocasionalmente, oferecem cursos. Assim, pretendo procurar oportunidades de possíveis interlocuções, visando uma “boa etnografia que será também contribuição teórica” (PEIRANO, 2014, p. 383).

Quanto aos dados etnográficos, fez-se registro dos aprendizados com a utilização do diário de campo, tendo em vista o treinamento do olhar, ouvir e escrever (Oliveira,1996) na pesquisa. Este treinamento diz respeito à “percepção da realidade focalizada da na pesquisa empírica”.No que tange à escrita, pretendeu-se assumir uma descrição densa (GEERTZ, 1978). Aliada a isso, fez-se uma revisão bibliográfica sobre o grupo de artesãs da colônia Z3, e seus fazeres artesanais, atentando para as relações entre as coisas e o ambiente.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A descrição da construção de uma canoa entre os trobriandeses, capítulo IV “As canoas e a navegação” da obra “Os argonautas do Pacífico Ocidental” de Bronislaw Malinowski (1922), pode ser considerada um marco teórico metodológico para a Antropologia. Inaugura em termos da discussão que viria posteriormente, acerca da construção de objetos e as ações humanas e não humanas especificamente na relação com as coisas vividas (INGOLD,2012). O autor contribui, a partir da etnografia, pensar acerca da construção das peças feitas pelas artesãs da colônia Z3, fazendo com que a atenção se volte para as relações sociais nos quais esta materialidade remete,discussão teorizada por Ingold.

Neste caso, a partir da rede de pesca, torna-se evidente a relação com a comunidade pesqueira, a qual pertencem as artesãs. Territorialidade em que elas buscam sua matéria prima para o artesanato.Sob essa perspectiva, o antropólogo Gianpaolo Adomilli (2021), define o que seria a noção de comunidade pesqueira.

“A noção de comunidade pesqueira estende-se ao universo do parentesco e da sociabilidade que a compõem. Trata-se de uma cadeia produtiva familiar, com suas extensões de parentesco e de afinidade em torno da pesca, envolvendo, portanto,a captura, seu beneficiamento dentro do trabalho familiar,bem como as relações de reciprocidade que se formam nas redes de parentesco e afinidade.” (Adomilli, 2021, p.136).

Assim, a linha confeccionada pelas artesãs da colônia Z3, assim como a canoa construída pelos trobriandeses descrita por Malinowski (1922) envolve algumas etapas e muitas pessoas.No caso das artesãs, a coleta das redes descartadas da pesca envolve a comunidade pesqueira, estendendo-se ao

universo de sociabilidade e afinidade em torno da pesca, como diz Adomilli (2021). Sob este enfoque, dá-se destaque aqui a um relato sobre a coleta de rede para a reciclagem, registrado nas redes sociais do grupo de artesãs<sup>1</sup>.

“Com a parceria da comunidade de pescadores da "Várzea" de São José do Norte, conseguimos arrecadar um bom lote de redes de pescar camarão descartadas por eles, por não servir mais para a pesca e que seriam deixadas na natureza. Em breve, essa que é nossa matéria prima, será reciclada e irá se tornar belas bolsas e outros acessórios femininos.” (relato publicado no instagram das redeiras, 29 de março de 2022).

O contato com a materialidade em si, a rede descartada pela comunidade de pescadores, antes vista como descarte, agora é ressignificada, por causa do seu processo em tornar-se matéria-prima, em novelo de fio de rede de pesca. Para a feitura do artesanato.

A antropóloga Guacira Walderick (2016), elaborou um catálogo etnográfico sobre o artesanato feito pelas artesãs da colônia Z3, a respeito de seu processo de produção, ela assinala o aspecto do aproveitamento das matérias-primas como um saber das camadas pobres, no qual se mantém e segue em transmissão ao longo do tempo. O catálogo contribui, de certa forma, no sentido de evidenciar e contextualizar o modo de vida e o trato com os resíduos no qual já está implicado no cotidiano destas mulheres. A antropóloga Lúcia Cunha (2003) assinala acerca dos saberes tradicionais pesqueiros, incluindo o manejo de resíduos sólidos, não só a partir do recorte de um saber socioeconômico, a fim de atender as necessidades, como é relacionado no catálogo etnográfico. Cunha (2003) trata o manejo dos resíduos como um saber pesqueiro. Ela coloca que existe uma apropriação do ecossistema marinho, no qual evidencia o manejo sábio dos recursos pesqueiros, e, que este se desenvolve ao longo do tempo pelos pescadores.

Assim, a mudança de percepção em relação ao tratamento desta materialidade, a rede de pescar, não foi somente transformada entre o grupo de artesãs através do processo transformação da matéria prima para o artesanato, mas se estendeu à comunidade pesqueira através da relação com a rede de pesca e o processo de reciclagem da rede. Sob esta perspectiva, a professora Carolina Mello (2016), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), diz que os ganhos econômicos gerados pelo artesanato, se ampliam para outros atores do território pesqueiro da colônia Z3 e colaboram, mesmo que indiretamente, para a manutenção da atividade pesqueira na Z3. A autora elucida essa reflexão a partir da fala de uma das artesãs do grupo:

“E, às vezes, a gente ri, que a gente andava pedindo rede pros pescadores na praia né, porque a rede era bem grande e o pescador tem que descartar ela. Às vezes eles queimavam, eles jogavam na lagoa, queimavam. E agora a gente junta lá, o velho corta. E hoje em dia eles viram na reportagem na TV, sabem que a gente tem loja e eles querem nos vender a rede agora! [risos] Eles não querem mais nos dar a rede. Eles querem ganhar em cima de nós. Agora, a gente tá comprando a rede do pescador, porque as redes dos nossos maridos já esgotaram e a gente tá comprando do pescador, lá de vez em quando um nos dá uma rede. (F., Artesã das redeiras).

Assim sendo, percebe-se que falar de rede de pesca descartada para a feitura de artesanato na colônia Z3 significa falar sobre relações entre e com as comunidades pesqueiras (ADOMILLI, 2021).

<sup>1</sup> publicação: <https://www.instagram.com/p/Cbs4EH6JRfJ/>. Acessado no dia 18 de julho de 2022.

#### **4. CONCLUSÕES**

Desta forma, as discussões apresentadas evidenciam que o processo de coleta da matéria-prima do artesanato do grupo de artesãs da colônia de pescadores artesanais Z3 se relaciona com e entre as comunidades pesqueiras (ADOMILLI, 2021) da Costa Doce. Além disso, é possível identificar nesse sentido que a coleta envolve também, relações de sociabilidade e afinidade em torno da pesca. O artesanato é um saber/fazer que envolve relações e modo de vida, entre as dimensões materiais e imateriais.

#### **5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ADOMILLI, Gianpaolo Knoller. Um percurso de (re) existências em águas salgadas: notas sobre mobilidade e memória do litoral em uma comunidade pesqueira. **Tempo e Memória Ambiental: etnografia da duração das paisagens citadinas**. Publicações ABA, 2021.
- CARNEIRO, MUSEU DE FOLCLORE EDISON. 2015. "Redes em invenção."
- DE OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de antropologia**, p. 13-37, 1996.
- DE OLIVEIRA CUNHA, Lucia Helena. Saberes patrimoniais pesqueiros. **Desenvolvimento e meio ambiente**, v. 7, 2003.
- DE OLIVEIRA, Vitória Daitx et al. Aspectos socioeconômicos da pesca artesanal no Estuário da Lagoa dos Patos (RS): Estudo de caso na Colônia de Pescadores Z-3. **Revista de Extensão e Estudos Rurais**, v. 8, n. 1, p. 44-70, 2019.
- GEERTZ, Clifford. Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura. In: A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- INGOLD, Tim; ALMEIDA, Rafael Antunes. Antropologia versus etnografia. **Cadernos de campo (São Paulo-1991)**, v. 26, n. 1, p. 222-228, 2017.
- INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes antropológicos**, v. 18, p. 25-44, 2012.
- MALINOWSKI, Bronisław, 1984. Argonautas do Pacífico Ocidental (1922) (Capítulo IV). São Paulo: Abril Cultural, p. 17-34, 87-100.
- MELLO, Carolina Iuva de et al. **Território feito à mão: Artesanato e identidade territorial no Rio Grande do Sul**. 2016. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Maria.
- PEIRANO. Marisa. Etnografia não é Método. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 20, n.40, p. 377-391, jul./dez. 2014.
- SHAH, Alpa et al. Etnografia? Observação participante, uma práxis potencialmente revolucionária. **Revista de Antropologia da UFSCar**, v. 12, n. 1, p. 373-392, 2020.